

**A BIOLOGIA COMO IDEOLOGIA JUNTO A ‘DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA’:
PROBLEMATIZANDO O DETERMINISMO BIOLÓGICO NOS DISCURSOS
DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA**

***Eixo Temático 11 – EDUC(AÇÕES) E RE-EXISTÊNCIAS GÊNERO,
CORPO, SEXUALIDADE, DIFERENÇA: INSURGÊNCIAS,
MEMÓRIAS E LUTAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA***

Fabiana Aparecida de Carvalho¹

RESUMO: O presente trabalho problematiza o determinismo biológico em movimentos de extrema-direita, em especial, o Bolsonarismo no Brasil. Alinhado às análises feministas, de gênero e pós-críticas, posiciona algumas ideologias extremistas atuais e problematiza enunciados biológicos e inatistas, denunciando o poder pedagógico de discursos ideológicos e normativos.

Palavras-chave: Dispositivo Pedagógico e antigênero; Biologia; Bolsonarismo

INTRODUÇÃO: ESTE TEXTO É UMA CRÍTICA DO PRESENTE

Na atualidade, as correlações de força e os regimes de poder desfavoreceram os movimentos sociais minoritários em termos de ações propostas pelo Estado, em metas governamentais e na consolidação de políticas públicas e educacionais, especialmente a partir do recrudescimento do capitalismo neoliberal (após a crise econômica mundial de 2008) e sua junção com posturas neoconservadoras e reacionárias, particularmente no Brasil, nas duas últimas décadas (CARVALHO; INOCÊNCIO, 2021). Temas como gênero e sexualidade, direitos sexuais, movimentos identitários (negros, de mulheres e LGBTQIA+), direitos humanos, multiculturalismo, entre outros, tem sido objetos de uma cruzada econômica-ideológica-punitiva por parte de alguns setores sociais, sendo deslegitimados em termos de suas importâncias.

¹ Doutora em Educação para a Ciências e a Matemática, Professora Adjunta, Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá (UEM) (PR). E-mail: facarvalho@uem.br

Movimentos neoconservadores como o Escola sem Partido e dispositivos antigênero firmados no sintagma ‘Ideologia de Gênero’ (JUNQUEIRA, 2018) ganharam as mídias convencionais e digitais, arrebanharam simpatizantes, representantes políticos; colocaram em desconfiança a outorga legislativa e curricular para se falar de Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença nas escolas ou em artefatos culturais, numa espécie de cerceamento discursivo das intervenções pedagógicas e de reforço da cis-heteropatriarcalidade nas construções de feminilidades, masculinidades, performatividades e modos diversos de sermos pessoas.

Tais posições se fortaleceram com ideologias oriundas da *Alt-right* (direita alternativa) – facção política gestada nos Estados Unidos (EUA) e fundamentada em discursos nacionalistas, racistas e contrários aos direitos sociais, sexuais e de gênero –, e, no Brasil, com o Bolsonarismo – movimento de contornos populistas conflagrado com a escalada de Jair Bolsonaro à presidência da República.

O Governo Bolsonaro (2019 – 2022) vale-se de *slogans*, frases e explicações que possuem em sua enunciação / formação discursiva um forte poder de convencimento e inculcação – que se decanta culturalmente, seja pela peculiaridade caricata ou pela imposição de epistemes favorecedoras de grupos privilegiados socialmente.

O objetivo deste ensaio é lançar crítica às discursividades gestadas na extrema-direita / Bolsonarismo, especialmente àquelas mescladas por ‘explicações científicas’, muitas das quais duvidosas, e responsáveis por indeterminar as compreensões sobre a sociedade, a vida política ou biológica. Falas simplistas, explicações generalizadas e casuísticas, cujos efeitos deterministas atrelam Biologia à ideologia (LEWONTIN, 2000) e perfazem dispositivos pedagógicos e explicativos sobre Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença são discutidos no texto.

As análíticas dos Estudos Feministas de Gênero e de correntes pós-críticas que abarcam as compreensões semiológicas, discursivas, sociais e políticas das estruturas sociais, representações culturais, construções de feminilidades, masculinidades e dissidências de gênero, e também a problematização dos discursos científicos que circulam nos meios culturais (CARVALHO, 2020), são acionadas na escrita não como *a priori*, mas como uma caixa de ferramentas para se problematizar e presentificar a atualidade e as diferentes condições de desigualdade e opressão justificadas por ideologias deterministas (LEWONTIN, 2000) ou por entidades estruturais oriundas de discursos enviesados (KELLER, 2002). Divido as críticas em dois momentos que – direta

ou indiretamente – discutem o gênero como categoria / efeito discursivo impostos aos corpos e às pessoas (SCOTT, 1995; BUTLER, 2004): o primeiro situa a vinculação da extrema-direita aos determinismos; o segundo problematiza o determinismo biológico em fragmentos enunciativos bolsonaristas.

A EXTREMA-DIREITA E OS DETERMINISMOS NAS LEITURAS DE GÊNERO – CORPO – SEXUALIDADE - DIFERENÇA

As ideologias da nova direita, do neoconservadorismo religioso e do liberalismo econômico, ao longo dos processos colonizadores e racialistas do Ocidente e do transcorrer do Século XX, apropriaram-se e esvaziaram os sentidos de Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença por meio de temas ligados direitos sexuais, afetivos e reprodutivos (RUNBIN, 2003), transformando-os em padrões morais de civilidade e branquitude. Esses padrões estariam expostos à destruição de seus sistemas de coesão biológica, sexual e racial quando confrontados pelos ativismos negros, de mulheres e de grupos LGBTQIA+.

Por outro ângulo, o biólogo Richard Lewontin (1987) aponta que discursos deterministas e biologistas são meios poderosos para justificar as desigualdades sociais nas sociedades capitalistas contemporâneas, particularmente porque funcionam como dispositivos que visam padronizar / universalizar os seres humanos, pensar as sociedades como decalques das características e fisiologias naturais e sobrepor valores ontológicos à coletividade. A prioridade individual, nesse sistema-mundo, possui um estatuto natural-moral, sendo compreendida como a raiz da natureza humana e, por efeito, como justificativa para a competitividade, toda sorte de exploração, colonialidade (das pessoas, dos saberes, ambientes, afetos e gêneros) e favorecimento.

Para as ideologias da nova direita, os valores naturais estão sendo alijados e as autoridades tradicionais (família, Estado, linguagem, escola, sistema de leis) são erodidas em suas essências. As novas direitas encontram nesse essencialismo determinista uma panaceia social propositadamente refletida na natureza (LEWONTIN, 1987), daí a importância de se justificarem ideologicamente pela Biologia, pois se as desigualdades estão biologicamente determinadas (nessa visão de cunho neodarwinista social), elas são inevitáveis e imutáveis, logo, a tentativa de extingui-las por políticas públicas, direitos humanos e táticas de equidade e justiça não faz sentido algum e se posicionam como ato

Para compreender as chamadas novas direitas é necessária uma longa digressão reportando-se às décadas de 1970, 1980 e 1990, contemplando o recrudescimento do capitalismo neoliberal nas políticas de Ronald Reagan (EUA) e Margareth Thatcher (Inglaterra) para o restante do mundo e o engessamento da Igreja Católica Romana em relação aos direitos sexuais e reprodutivos. Para este texto, no entanto, importo-me mais com os avanços discursivos da *Alt-right* ou direita alternativa, que tem se consolidado, desde o final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, como facção extremista, influenciando a discussão de temas ligados à proteção da família, porém com a desconstrução do feminismo, o desprezo pelos arranjos familiares não tradicionais, a desconsideração dos saberes corporais de matrizes afro-ameríndias, LGBTQIA+ e de mulheres.

O fenômeno *Alt-right* tornou-se um empreendimento transnacional a partir da eleição de Donald Trump, em 2016, e pela projeção de teorias difusas e neoconservadoras antissistema. Para adeptas/os dessa facção, os setores progressistas ou de esquerda dominariam o por meio de uma guerra cultural responsável pela imposição de valores antinaturais como: marxismo, comunismo, feminismo e gayzismo. A ideia de guerra cultural é um conceito atrelado à doutrina Tradicionalista (TEITELBAUM, 2020), antagonista da modernidade e combatente da degradação dos valores ocidentais. O Tradicionalismo elege a supremacia branca, masculina e patriarcal como espelho da natureza, além disso, mescla-se aos dispositivos antigênero defendidos por alguns setores religiosos católicos e pentecostais, numa tentativa de recuperação de um *ethos* anterior às corrompidas sociedades contemporâneas.

Tradicionalistas exercem influência política nos meios culturais com teorias conspiracionistas, econômicas e biologizadas de retorno à natureza e de salvação mística da realidade. Usam de metáforas como as cruzadas e guerras religiosas para restaurar a moral, os bons costumes, a cristandade e a família mononuclear das supostas aberrações de esquerda. Entre os principais defensores dessa corrente, encontram-se: o escritor Aleksandr Dugin, na Rússia, o estrategista Steve Bannon e o ex-presidente Trump, nos EUA, e o falecido astrólogo Olavo de Carvalho, guru do Bolsonarismo no Brasil. Não se pode confundir o Tradicionalismo com os movimentos totalitários das décadas de 1930 e 1940 na Europa (principalmente o nazismo alemão). Contudo, há traços em comum como reverências aos nacionalismos e patriotismos, esperança depositada em líderes

salvacionistas, recorrências a um passado remoto e glorioso, militarismos, apelos ao racismo científico, sexismo e discursos de ódio direcionados às diferenças. Sob esse prisma, o Tradicionalismo é uma corrente neofascista, porém respaldada por propostas de salvamento econômico e enxugamento do poder do Estado na gestão social.

Na esteira da *Alt-right*, Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença são sempre politizados; dissidências e diferenças são relacionadas à monstruosidade, sujeira e desvio da natureza biológica e divina. Tudo aquilo que foge da norma cis-hetero-patriarcal é convertido em pânico moral e ameaça às/aos cidadãs/os de bem. Para extremistas de direita, é sempre necessário que a branquitude e a heterossexualidade galguem posições sociais, culturais e econômicas de reconhecimento e recobrem seus lugares como determinações individuais na sociedade.

DETERMINISMO BIOLÓGICO COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO NO BOLSONARISMO

O Bolsonarismo como movimento de extrema-direita tem se valido também de subjetivações apelantes ao Tradicionalismo econômico e religioso e ao determinismo biológico quando a pauta é Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença.

Bordões como ‘Deus, Pátria, Família²’; ‘Brasil acima de tudo; Deus acima de todos’; ‘Deus no controle’, entre outros, convencem porque articulam categorias estruturantes persistentes na colonialidade epistêmica de nossa cultura política. Mobilizam, conforme destaca Almeida (2020), os sentidos de uma sociedade hierárquica que prioriza, sobretudo, modelos totalitários e conservadores de pátria, família, religião, é adversa às diferenças e se assenta no moralismo religioso. Nessas discursividades, Deus torna-se o sujeito onipresente e incontestável (a origem de todas as coisas, o líder supremo e o organizador da família mononuclear); a pátria passa a ser definida por nacionalismos e ideários de universalização da nação (cujo efeito é anular as diferenças de classe, etnia, cor, gênero e pertencimento cultural); e família aparece como a unidade a perpetuar esse sistema-mundo.

² ‘Deus, Pátria, Família’ é apontado como lema da Ação Integralista Brasileira ou Movimento Integralista, fundado em 1932, por Plínio Salgado, a partir de influências do fascismo e do nazismo.

Cada um desses enunciados liga-se a um outro enunciado ou dispositivo discursivo (FOUCAULT, 2008)³, funcionando como argumento de autoridade e também como dispositivo pedagógico. Logo, explicações jurídicas, econômicas, científico-biológicas podem vir à baila em falas, ações, pronunciamentos e outros artefatos discursivos e não discursivos congregados ao Bolsonarismo. Tais argumentos performam uma vontade de saber-poder (ou controle, disciplinamento, vigilância), o *ethos* de pessoas sujeitos que se identificam com a normatividade e a forma como essas enxergam os currículos e as educ(ações) para Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença.

Bolsonaro⁴ e muitas/os de suas/seus ministros, declaram-se contrários ao que chamam de Ideologia de Gênero, endossando suas moralidades de pessoas terrivelmente cristãs e alinhadas à **identidade real de mulher ou de homem**, respeitando o que é **natural do ser humano para potencializar o sexo** com o qual cada pessoa nasce. Essa é uma visão essencialista da **diversidade** alicerçada na **complementariedade do sexo** e no dualismo sexo/gênero, sobretudo, apagadora das diferenças.

A orientação do governo para suas/seus políticas/os em pronunciamentos oficiais é a de **gênero significa sexo biológico: feminino ou masculino**. Tal postura, vale a nota, contraria a agenda de direitos sexuais e promoção de equidade da Organização das Nações Unidas (ONU). Bolsonaro acredita que a definição dualista livra a sociedade brasileira de ambiguidades, de ameaças às tradições familiares e de **fraquejadas** que feminizam ou **pintam de rosa** o Estado, pois acredita que **nenhuma nação é forte quando as famílias estão cooptadas por ideologias esquerdistas contrárias à perpetuação de indivíduos**.

Em relação às pautas educacionais, o Bolsonarismo afirma que a escola não educa crianças, mas **tem o dever de instruir e de ensinar um ofício respeitando a cultura dos pais e das mães**. Assim, o Ministério da Educação (MEC) deve ser também contrário à Ideologia de Gênero porque os pais querem ter **filho homem e filha mulher**. No Governo Bolsonaro, o objetivo é tirar o **foco do Kit Gay e colocar em destaque a leitura em família com a finalidade de conduzir a boa moral de suas/seus filhas/os em idade escolar**. Portanto, faz parte do Bolsonarismo dispositivos de enaltecimento da participação das famílias na educação.

³ A noção de dispositivo perfaz conjuntos de elementos heterogêneos, discursivos ou não, que se relacionam com o estabelecimento de verdades e formas de poder-saber, funcionando estrategicamente como meios de subjetivação.

⁴ Os termos em negrito são frases compiladas de declarações do Presidente Bolsonaro e políticas/os apoiadoras/es colhidas de reportagens divulgadas por veículos de informação e comunicação.

Durante a pandemia de Covid-19, o Governo Bolsonaro alinhou-se a justificativas

eugênicas de **sujeitos fortes, brasileiros que pulam no esgoto e não morrem, sobrevivência do mais preparado, vai morrer quem tem que morrer, lamento da morte, mas esse é o destino final de todo mundo mais cedo ou mais tarde; que a doença encurta a vida apenas em alguns meses ou semanas;** chamou brasileiras/os de **maricas, frescos, idiotas e fracos** e aclamou o surgimento de novas e mais resistentes variantes do vírus. É evidente que o controle sanitário do *Sars-cov-2*, para Bolsonaro, depende de uma disposição biológica individual para a sobrevivência. Aquelas/es sem essa disposição são a outridade sem peso ontológico, a diferença subsumida a algo menor e sujeita às leis punitivas da natureza.

Os termos destacados ilustram o caráter dos enunciados discursivos do extremismo à brasileira: evocam, reiterativamente, um código de condutas e de controle baseado em posições teístas e biológicas: a identidade real / natural, a posição biológica, o masculino e feminino, complementariedade natural do sexo, a família e a conjugabilidade, a saúde e a doença, as vidas passíveis de serem matadas ou preservadas.

O perigo da injunção desses dispositivos discursivos reside na dispersão de discursividades e argumentações que se transformam em dispositivos pedagógicos enviesados por moralidades, por determinismos e por pseudociências; esses, por sua vez, perfazem uma rebiologização da vida social (BUTLER, 2004) e das subjetividades diferenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionar os discursos sobre Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença como dispositivos pedagógicos ou como processos de subjetivação e construção de subjetividades – e compreendê-los junto aos processos histórico-políticos do país –, é um exercício genealógico para também pensar as insurgências, memórias, lutas sociais e curriculares e o ativismo das pessoas que dão peso à outridade e desestabilizam os padrões vigentes. Determinismos biológicos ou usos da biologia como estrutura ideológica estão sendo recobrados para normatizar pessoas e binarizar os corpos a partir princípios constitutivos das políticas do atual governo brasileiro e suas coligações com movimentos neoconservadores.

Sob esse prisma, as estruturas assimétricas da sociedade brasileira, como classe, raça, gênero, podem ser ‘ensinadas’, via dispositivos discursivos como a expressão de uma causa primeira. Assim, o extremismo de direita, mantendo o *status quo* e privilégios sociais, tende a rifar a equitatividade para os grupos sociais minoritários, pautando as manifestações de Gênero – Corpo – Sexualidade – Diferença como antibiológicas e justificando os processos de desigualdade como características naturais e imutáveis.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. P. Deus, pátria e família: os sentidos do fascismo brasileiro, do integralismo ao populismo do século XXI. **Entheoria**, v. 2, n. 7, p. 163-178, Jul./Dez. 2020.
- BUTLER, J. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.
- CARVALHO, F. A. de. Sexos, sexualidades e gêneros uma contribuição das teorizações feministas para a discussão dos limites das explicações e categorizações biológicas. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 13, n. 1, p. 223-242. 2020.
- CARVALHO, F. A. de; INOCÊNCIO, A. F. O desagendamento da educação para os corpos, gêneros e sexualidades – um projeto neoliberal, um arranjo neoconservador e as várias pedagogias fascistas. **Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação**, v. 23, n. 2, p. 236-257, mai./ago. 2021.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- JUNQUEIRA, R. D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. Psicol. Polít.**, v. 18, n. 43, p. 449-502. 2018.
- KELLER, E. F. **O século do gene**. Belo Horizonte: Crisálida, 2002.
- LEWONTIN, R. **Biologia como ideologia** – a doutrina do DNA, Ribeirão Preto: FUNPEC, 2000.
- LEWONTIN, R.; ROSE, S.; KAMIN, L. **No está en los genes** – racismo, genética y ideologia. Barcelona: Editorial Crítica, 1987.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99. 1995.
- TEITELBAUM, B. R. **A guerra pela eternidade**. Campinas: UNICAMP, 2020.